



# ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

## IDENTIDADE E ALTERIDADE: REPRESENTAÇÕES DOS INDÍGENAS SOBRE MORADORES DA CIDADE DE DOURADOS-MS

Marli Avelino dos Santos<sup>1</sup>; Jones Dari Goettert<sup>2</sup>

UFGD-FCH, jonesdari@hotmail.com

<sup>1</sup>Bolsista PIBIC/UFGD/CNPq; <sup>2</sup>Professor de Geografia.

### RESUMO

Neste artigo apresentamos a análise de como moradores da reserva indígena de Dourados convivem e se relacionam com os moradores da área urbana da cidade. Considerando a Reserva Indígena de Dourados situa-se na parte norte da cidade, e que nela moram aproximadamente catorze mil pessoas entre indígenas e brancos, entrevistamos trinta moradores para assim compreender a produção de **representações** e **imagens espaciais** que os indígenas fazem dos não indígenas, e de que forma eles se “inserem”. Levando em conta que essa pesquisa se desdobra da pesquisa anterior, **“Identidade e alteridade: Representações sobre os indígenas por moradores da cidade de Dourados (MS)** e vem com o intuito de apresentar as duas vertentes de uma cidade que para muitas vezes se divide entre brancos e índios. Para tal, trinta entrevistas de 21 pergunta, foram realizadas junto a moradores das duas principais reservas da cidade, Jaguapiru e Bororó, onde moram indígenas das etnias Kaiwa, Terena e Guarani, constituído por famílias de baixa renda. O intuito foi verificar como moradores das reservas se relacionam (material e simbolicamente) em um espaço no qual a presença de indígenas é ao mesmo tempo presente e ausente, e as relações muitas vezes são frágeis, onde muitas vezes o branco passa pela reserva e não cumprimenta os moradores, como ausência de relações de alteridade de outro tipo a não ser o do preconceito e da discriminação.

Palavras-chave: 1) Cidade e Reserva Indígena de Dourados; 2) Identidade territorial e alteridade; 3) Representações; 4) Imagens espaciais.

### 1 – Caracterização da Reserva indígena de Dourados-MS (de forma breve)

Considerando que na parte norte da cidade situa-se a Reserva Indígena de Dourados, com acesso pela BR 156 que também dá acesso a cidade de Itaporã-MS, com

um numero aproximado de catorze mil indígenas, em uma área de aproximadamente 3,5 mil hectares, a reserva indígena sofre com diversas problemáticas principalmente quanto a infraestrutura e a falta de segurança. É difícil identificar onde termina a área urbana de Dourados e onde inicia-se a área da reserva, e muitas famílias tem suas casas muito próximas da rodovia. A reserva abriga as etnias Terena, Kaiwás e Guarani, divididos nessa mesma área em duas aldeias principais Jaguapiru e Bororó.

### **1.1 Descrição informativa dos entrevistados da Reserva**

Inicialmente, aponta-se os dados relativos às pessoas entrevistadas na reserva indígena de Dourados. De acordo com o quadro 1 (abaixo), verifica-se que a maioria dos entrevistados tinha entre 21 e 60 anos ou mais (80%), com participação menor de pessoas com mais de 60 anos (6,66%) e menos de 20 anos (16,66%). Dessa forma, pode-se também apontar que a maior parte dos entrevistados situa-se no que se define como População Economicamente Ativa (PEA).

Em relação ao sexo dos entrevistados, na reserva teve-se a participação de 18 mulheres (60%) e 12 homens (40%). Já em relação ao estado civil, a maioria dos entrevistados eram casados e solteiros (como aponta o quadro 2).

Os entrevistados da reserva indígena de Dourados apresentavam, em sua grande maioria, níveis de escolaridade entre Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Fundamental Completo e Ensino Médio Completo (ver quadro abaixo). Foram entrevistadas também 3 pessoas não-alfabetizadas.

Como último ponto sobre informação dos entrevistados da reserva aponta-se a ocupação profissional (quando for o caso). Das 30 pessoas entrevistadas, 1 funcionários públicos estaduais, 10 “do lar”, 1 técnico de informática, 1 professora, 2 empregadas domésticas, 1 técnicos de enfermagem, 1 enfermeira, 1 cozinheira, 1 pedreiro, além de 2 estudantes, 2 desempregados, 4 autônomos, 2 aposentado e 1 pensionista.

Diante da atual configuração socioespacial, cultural e também econômica da cidade de Dourados, tivemos a intenção de compreender e discutir as identidades territoriais que se fazem no espaço douradense, considerando as representações e imagens espaciais presentes na cidade.

A partir das trinta entrevistas realizadas nas reservas, Jaguapiru e Bororó, podemos nos interar melhor sobre as diferenciações estabelecida pela população

douradense em relação aos povos indígenas e como os povos indígenas se colocam diante dessa diferenciação, levando em conta que são alvos do preconceito e da discriminação, já que é comum na cidade de Dourados vermos os indígenas serem alvos da diferenciação, e sendo vítimas da visão preconceituosa de moradores da área urbana da cidade, afetando as relações entre o “índio” e o “não índio” e formando territorialidades distintas dentro da cidade.

A pesquisa procurou compreender e posteriormente analisar as respostas dadas por moradores das duas principais reservas da cidade, e qual a relação estabelecida (material e simbolicamente) entre eles e os moradores da cidade e ainda não índios que passam pela reserva em um espaço no qual a presença dos indígenas é ao mesmo tempo presente e ausente, isto é, frequentemente à frente das casas pedindo alimentos e roupas, e esquecidas diante da invisibilidade dos indígenas por parte de alguns moradores que reforçam as relações de alteridade discriminatória e preconceituosa em relação aos índios que aqui residem. O projeto de pesquisa **“Identidade e alteridade: Representações sobre os indígenas por moradores da cidade de Dourados (MS)** se desdobra em compreender como essa relação de “presença/ausência” do indígena foi se estabelecendo, e trazendo com ela problemáticas que são de certa forma ignoradas pelos moradores, já que é comum observar os indígenas em práticas de “mendicância” por não terem supridas suas necessidades básicas atendidas na reserva de Dourados. Essas abordagens nos levam a discutir dentro da relação entre moradores “brancos” e “não brancos” a questão da identidade e da diferença, que são constantemente produzidas e reproduzidas a partir do olhar e da imagem estabelecida pelos moradores da área urbana da cidade em relação aos moradores da reserva, essa imagem reproduzida pode ser compreendida dentro do contexto histórico de processos sociais e políticos de manipulação da cultura indígena, formando e constituindo assim um território com nítidos níveis de pertencimento e exclusão de uma cultura dominante sobre outra cultura dominada.

Sendo assim compreender a produção de representações e de imagens sobre os indígenas e sobre a reserva indígena de Dourados a partir dos processos de diferenciação/identificação e imagens espaciais construídas por moradores da cidade e como isso influi na espacialidade e diversas territorialidades presentes em Dourados é o que impulsiona nossa pesquisa.

## Referências bibliográficas

- BARTH, Fredrick. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: EdUNESP, 1998. pp. 185-227.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2000.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EdUFF, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira – a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. Trabalho, progresso e desenvolvimento: o discurso “moderno” do agronegócio para não-demarcação das terras indígenas. *Anais XV Encontro Nacional dos Geógrafos*. Porto Alegre: AGB, 2010.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RIBEIRO, Antonio Sousa. A retórica dos limites: notas sobre o conceito de fronteira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 475-501.
- SOUZA, Marcelo José Lopes de. *O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.